



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

BULLYING E DISCURSO: A NÃO-BRINCADEIRA EM JOGO

Eixo Temático: Linguagem e Educação

Forma de Apresentação: **RESULTADO DE PESQUISA**

Thaís Silva Marinheiro de Paula¹

Soraya Maria Romano Pacífico²

RESUMO

Ao considerarmos o aumento do percentual de casos de *bullying* dentro do ambiente escolar, é imprescindível buscar conhecer mais sobre essa prática violenta. Entendemos que as ocorrências de *bullying* são/estão diretamente relacionadas com a agressão ao outro, seja física ou verbal. Nesta perspectiva, interpretamos que estamos diante de uma violência em que o agressor atribui um olhar pejorativo ao corpo de sua vítima, assim, compreendemos que o *bullying* pode ser considerado uma forma de olhar que julga e incentiva o preconceito social, ou seja, uma não-brincadeira; podemos compreender, ainda, que o ambiente escolar é um espaço em que o *bullying* se constitui por meio do olhar social, ou seja, do olhar do agressor mediante sua vítima, que pode ser determinado, muitas vezes, pela aparência daquele que é agredido. Então, partimos da consideração de que o Ensino Fundamental é o período em que são discursivizados com maior frequência os ataques de *bullying*, porém, para esta pesquisa, acreditamos que tanto a vítima de *bullying* quanto o agressor crescem e dão seguimento aos estudos. Desta maneira, questionamo-nos quanto a esse corpo violado, cindido, ressignificado pela violência, assim, buscamos compreender como o *bullying* é discursivizado no/durante o Ensino Médio, quais sentidos o sujeito produz, como é olhado e que olhares de si e do outro são atribuídos a essa prática violenta. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso de alunos de Ensino Médio, que foram vítimas de *bullying* durante o Ensino Fundamental, bem como as marcas corporais inscritas por esta violência. Este trabalho é fundamentado na teoria da Análise do Discurso elaborada por Michel Pêcheux, na França, no final dos anos de 1960. Com base na coleta de dados, foi possível observar que o *bullying* nega a singularidade do sujeito e que o olhar do sujeito-agressor afeta a relação do sujeito-vítima com seu corpo até quando chega no Ensino Médio.

Palavras-chave: Bullying. Corpo. Discurso. Ensino Médio.

¹ Doutoranda em Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCL/RP-USP).

² Professora Doutora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCL/RP-USP)



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

INTRODUÇÃO

Ao considerarmos o aumento do percentual de casos de *bullying* dentro do ambiente escolar, é imprescindível buscar conhecer mais sobre essa prática violenta, visto que de acordo com os estudos de Fante (2005), o *bullying* é caracterizado como uma violência intimidadora, repetitiva e consciente com o intuito de levar medo à sua vítima de modo que tem poder destrutivo e perigoso à comunidade escolar e à sociedade. Interpretamos que estamos diante de uma violência em que o agressor atribui um olhar pejorativo ao corpo de sua vítima, desta forma, damos ênfase aqui a esse corpo vítima de violência, corpo julgado, subjugado, corpo que ganha sentidos de inferiorização pelo olhar do outro. Nessa perspectiva, podemos compreender que o ambiente escolar é um espaço em que o *bullying* se constitui por meio do olhar social, ou seja, do olhar do agressor mediante sua vítima, que pode ser determinado, muitas vezes, pela aparência daquele que é agredido.

Então, partimos da consideração de que o Ensino Fundamental é o período em que são discursivizados com maior frequência os ataques de *bullying*, porém, para esta pesquisa, acreditamos que tanto a vítima quanto o agressor crescem e dão seguimento aos estudos. Desta maneira, questionamo-nos quanto a esse corpo violado, cindido, ressignificado pela violência dentro do ambiente escolar, assim, buscamos compreender como o *bullying* é discursivizado no/durante o Ensino Médio, quais sentidos o sujeito produz, como é olhado e que olhares de si e do outro são atribuídos após ter sofrido essa prática violenta

Neste ínterim, o que nos incomoda é o silêncio dos trabalhos científicos em relação aos alunos do Ensino Médio, a ausência de pesquisas que deem voz a esses alunos em relação ao *bullying* e aos seus corpos, isto porque, conforme pesquisas de Lopes Neto (2005) “O *bullying* é mais prevalente entre alunos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio”, dado este que nos leva a pensar que, se a incidência de *bullying* é maior no Ensino Fundamental, como fica esse corpo que vai posteriormente Estudar no Ensino Médio? Ele continua os estudos? Ele ‘sobrevive’ a essa pós-violência? O que a escola significa para ele?

Interpretamos, portanto, que o ambiente escolar é constituído por elementos, situações e relações interpessoais que podem contribuir para que o aluno tenha um melhor aproveitamento escolar a ponto de ser decisivo para os anos escolares posteriores. Em contrapartida, no mesmo ambiente escolar, se a criança sofre violência, se o *bullying* se instaura em seu corpo, essas marcas serão levadas também para os anos escolares seguintes, o que nos instiga a pensar quais marcas corporais são discursivizadas pelos alunos do Ensino Médio após sofrerem *bullying* no Ensino Fundamental.

MATERIAL E MÉTODOS.

Para nortear as análises, será importante considerar o paradigma indiciário de Ginzburg (1989, p. 177) que trata sobre a análise de pistas para compreensão das “névoas da ideologia”, o autor explica que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-las”. Desta forma, por meio destes sinais, poder-se-ão observar os sentidos que circulam nos discursos dos alunos, de Ensino Médio, vítimas de *bullying* no Ensino Fundamental para compreender se o *bullying* deixa marcas físicas e/ou psicológicas no corpo do adolescente e como ele discursiviza sobre isso.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

Consideramos também que, para a Análise de Discurso pecheuxtiana, que embasa teórica e analiticamente esta pesquisa, a sala de aula é inscrita como ambiente onde múltiplos sentidos podem se materializar e isso reclama gestos de interpretação (ORLANDI, 2001). Sendo assim, para se chegar a estas materializações e gestos de interpretação, analisamos os discursos dos alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, na Escola Estadual Etec Professor José Ignácio Azevedo Filho, situada na cidade de Ituverava-SP, através de um questionário com 10 questões discursivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de nossas análises, foi possível compreender que o *bullying* nega a singularidade do sujeito-vítima. Além disso, o sujeito-agressor, capturado pelo discurso dominante da beleza, age como voz de autoridade sobre o sujeito-vítima, o que contribui para que este passe a partilhar da mesma formação discursiva que o sujeito-agressor. Também observamos que o *bullying* causa cortes no corpo do sujeito-vítima, tais como, cortes físicos: automutilação, cirurgias e cortes nas relações e na escolha da roupa a ser usada pela vítima em seu dia a dia. Portanto, como resultado, compreendemos que o olhar do sujeito agressor afeta a relação do sujeito-vítima com seu corpo, uma violência que ocorreu no Ensino Fundamental, mas que ainda se mantém uma ferida aberta no corpo do aluno que já está no Ensino Médio.

Além disso, analisamos que a brincadeira faz parte do contexto sócio-histórico e das interações humanas (SUTTON-SMITH, 2017), mas não condizem com o ato de humilhar como vimos na relação existente entre *bullying* e brincadeira. Portanto, *bullying* não pode ser chamado de brincadeira, por isso, ao longo deste trabalho defendemos o conceito de não-brincadeira para esta prática que humilha, maltrata e intimida o outro.

CONCLUSÕES

Por meio deste trabalho, compreendemos que se trata de uma contribuição para a Análise do Discurso e para linhas afins da Educação, isto porque pensamos o *bullying* na perspectiva discursiva e não comportamental como muitas pesquisas já trazem, pensamos o silenciamento do sujeito-aluno dentro do ambiente escolar, sujeito este que terá suas relações consigo e com o outro afetadas mediante as humilhações que sofreu. Além disso, pelo corpus analisado, é possível encontrar vestígios de dor e angústia nesses alunos, portanto, sugerimos que trabalhos com o *bullying* sejam realizados para que as escolas sejam um espaço de aprendizagem, de acolhimento e não de prática violenta, para que o *bullying* não faça parte dos espaços escolares e saia de jogo.

REFERÊNCIAS

- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1989.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

LOPES NETO, A.A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **J Pediatr** (Rio J). 2005;81(5 Supl):S164-S172.

ORLANDI, E.P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. 3a ed. Campinas, SP: Pontes., 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 4a ed, 287p. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. (Trabalho original publicado em 1975), 2009.

SUTTON-SMITH, B. **A ambiguidade da brincadeira**. (Revisão Técnica da Tradução de Tânia Ramos Fortuna). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.